

## SEMIÓTICA DO ESPAÇO URBANO

RIBEIRO, Cíntia Borges<sup>1</sup>

BELLAN, Melissa<sup>2</sup>

SILVA, Vera Lúcia Massoni Xavier da<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aproxima os conceitos de linguagem, discurso e espaço urbano na intensão de provocar reflexão quanto à carga ideológica presente na construção das cidades e na forma como se dá a relação entre pessoas e meio.

Para tanto, são apresentados conceitos semióticos como signo, objeto, significado e significante, e ainda nesse campo são analisadas linguagem e comunicação, conceitos que norteiam o estudo do discurso e da ideologia, e por fim, o espaço urbano como disseminador de ideologia através de sua visualidade.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso. Urbanismo.

### ABSTRACT

This work approaches the language concepts, speech and urban space in the intension of provoking reflection as this ideological charge in the construction of cities and the way how the relationship between people and environment is.

Therefore, it presents semiotic concepts such as sign, object, meaning and significant, and even in this field are analyzed language and communication, concepts that guide the study of discourse and ideology, and finally, the urban space as ideology of disseminating through its visuality.

Keywords: Ideology. Speech. Urbanism.

### INTRODUÇÃO

Entender a linguagem como estrutura e campo de estudo necessário para refletir criticamente sobre a forma como nos comunicamos de diversos modos, não só de forma verbal, desvincular o termo Linguagem do termo Língua e fazer a ligação entre Linguagem e Expressão é fundamental para entender que as cidades são expressão da sociedade que as formam e pela qual são formadas.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Artística, especialista em Design Instrucional e graduanda em Arquitetura e Urbanismo.

<sup>2</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos - USP. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo. Docente no Centro Universitário Dr. Edmundo Ulson - UNAR. E-mail: melissabellan@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Catanduva, Mestre em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Diretora de graduação do UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, professora da Faculdade de Ciências e Letras de Catanduva.

Desta forma, estabelecer relações semiológicas corretas entre sinais e mensagens; saber interpretar signos visuais, com suas especialidades; compreender o uso da imagem e que cada signo é uma unidade dividida em duas partes, composta pelo significante (em latim *signans* - alguma forma física), e pelo significado (*signatum* - referente exterior) são passos da construção do entendimento que o espaço urbano é, também, uma forma de expressão das sociedades que o construíram.

## LINGUAGEM, SIGNOS E DISCURSO.

A semiótica é um campo do saber que estuda os modos como o Homem dá significado ao que o rodeia. É o estudo dos signos, ou seja, das representações das coisas do mundo que estão na mente das pessoas. A semiótica ajuda a entender como as pessoas interpretam mensagens, interagem com os objetos, pensam e se sensibilizam. Ela serve para analisar as relações entre uma coisa e seu significado. Lúcia Santaella, em seu livro “O que é Semiótica”, faz uma introdução bem-humorada sobre o tema, mas que serve de ponto de partida para não incorrer em enganos quanto aos termos semióticos.

Semi-ótica – ótica pela metade? ou Simiótica – estudo dos símios?

Essas são, via de regra, as primeiras traduções, a nível de brincadeira, que sempre surgem na abordagem da Semiótica. Aí, a gente tenta ser sério e diz: - “O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos.”. Contudo, pensando esclarecer, confundimos mais as coisas, pois nosso interlocutor, com olhar de surpresa, compreende que está querendo apenas dar um novo nome para a Astrologia.

Confusão instalada, tentamos desenredar, dizendo: - “Não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens.”.

Mas, assim, ao invés de melhorar, as coisas só pioram, pois que, então, o interlocutor, desta vez com olhar de cumplicidade – segredo desvendado -, replica: - “Ah! Agora compreendi. Não se estuda só o português, mas todas as línguas”.

Nesse momento, nós nos damos conta desse primordial, enorme equívoco que, de saída, já ronda a Semiótica: a confusão entre língua e linguagem. (SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. 1983, p. 7)

Assim, pode se entender com esse trecho da introdução de Santaella que Semiótica é o estudo da linguagem, e que língua e linguagem não são, exatamente, a mesma coisa. Linguagem é tudo aquilo que comunica.

Os animais têm sua própria linguagem e não deixa de ser linguagem só porque é um pássaro cantando para chamar a atenção da fêmea e por fazê-lo por instinto. É linguagem, pois comunica a intenção daquele pássaro quanto à fêmea. Isso é linguagem. Assim, é possível colocar como linguagem tudo o que expressa, informa e/ou comunica.

O Homem se expressa de diversas maneiras, a palavra é uma delas e pode ser falada ou escrita, que já configuram duas formas de expressão distintas, ainda há os sons (não a palavra falada, mas a música e as canções, os ruídos, toques de celular, campainha, entre outros). Há as artes visuais, que expressam o pensamento do artista com formas e cores. A dança e o teatro que se utilizam de várias linguagens reunidas para criar uma forma de expressão própria, inclusive a linguagem gestual, como a LiBraS.

Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade. (SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 1966. p. 25)

Saussure coloca a linguagem em diferentes domínios, entre eles o domínio individual e o domínio social. Isso é importante porque o Homem é um ser social, que se organiza em e se comunica dentro desta sociedade. Porém, a comunicação através da linguagem só é possível quando as pessoas envolvidas no processo comunicacional conhecem os códigos daquela linguagem. Desta forma, os seres humanos desenvolveram a linguagem para se relacionar, para mostrar para o outro o que pensam, sendo a linguagem verbal a principal forma de expressão no domínio social, mas não a única.

Os códigos de comunicação no estudo da semiótica são os signos, e para que a comunicação ocorra é necessário que sejam conhecidos pelo emissor e pelo receptor dos códigos. No caso da linguagem verbal esses signos são as palavras, tanto falada como escrita. Um código é, portanto, um sistema de normas e regras, delimitando o uso dos signos, que são organizados para que se tornem comuns a um grupo.

Signo é tudo o que em certa medida, de certa maneira, representa algo para alguém. São signos: os símbolos, os ícones, os índices. De acordo com Saussure, o signo possui duas faces: o significante, como a escrita e a fala; e o significado: a imagem mental que chega até o interlocutor no momento em que percebe um signo.

Figura 01 – Processos semióticos



Conscientes do processo da comunicação é preciso esclarecer que a mensagem pode ser clara e facilmente compreendida pelo interlocutor, mas também pode ser artificiosa ou lírica, pode ser denotativa ou conotativa.

Aquele que expressa, que externaliza a mensagem, o faz sob sua própria ótica, todo discurso carrega consigo as crenças e experiências anteriores daquele que o produz, assim, todo discurso está contaminado de ideologia.

Este trabalho está sendo desenvolvido a partir da convicção de que o discurso é sempre ideológico. As considerações a respeito da condição ideológica do discurso suscitam duas questões, como pressupostos ou como decorrências delas: a da concepção de ideologia adotada e a das relações entre linguagem e ideologia.

Ideologia está sendo entendida como visão de mundo. Não se ignora, porém, a outra concepção, igualmente fundamental, de ideologia, como falsa consciência, isto é, como criação de ilusão ou como ocultamento da realidade social (BARROS, D. L. P. de. Teoria do discurso: fundamentos semióticos. 2002. p. 147)

Partindo dessa premissa, pode-se influir que mesmo o discurso que não é atrelado a linguagem verbal também carrega em si a ideologia de quem o produziu. Desta forma, o discurso arquitetônico é passível de conter carga ideológica assim como qualquer outro discurso em qualquer outra linguagem.

## **LINGUAGEM URBANA E IDEOLOGIA.**

Sendo seres simbólicos, aquilo que sensibiliza o Homem é linguagem e se produz através de um discurso que por sua vez traz também uma ideologia. As obras arquitetônicas produzidas pelas comunidades e sociedades são parte da construção desses discursos, porém, vão além, expressam diferentes formas de convívio, crenças religiosas, relações sociais e estilos de acordo com o espaço, tempo histórico, geografia e a funcionalidade.

A arquitetura representa a ideologia de grupos históricos, já que o projeto arquitetônico dificilmente é fruto do trabalho de uma só pessoa, principalmente na

antiguidade e idade média. Ao considerar este fato, pode-se então analisar o traçado urbano desses períodos como o discurso da classe dominante em cada um deles. Harouel (2004) demonstra isso no trecho a seguir:

Quanto às realizações de grandes obras de urbanismo, elas são, nas cidades da Grécia clássica, decididas pelo povo. Mas para a execução propriamente dita é nomeada uma comissão especial que se associa aos trabalhos de um arquiteto. Encarregada de tomar decisões técnicas e de controlar etapas, ela é responsável perante a assembleia em matéria tanto administrativa quanto financeira.

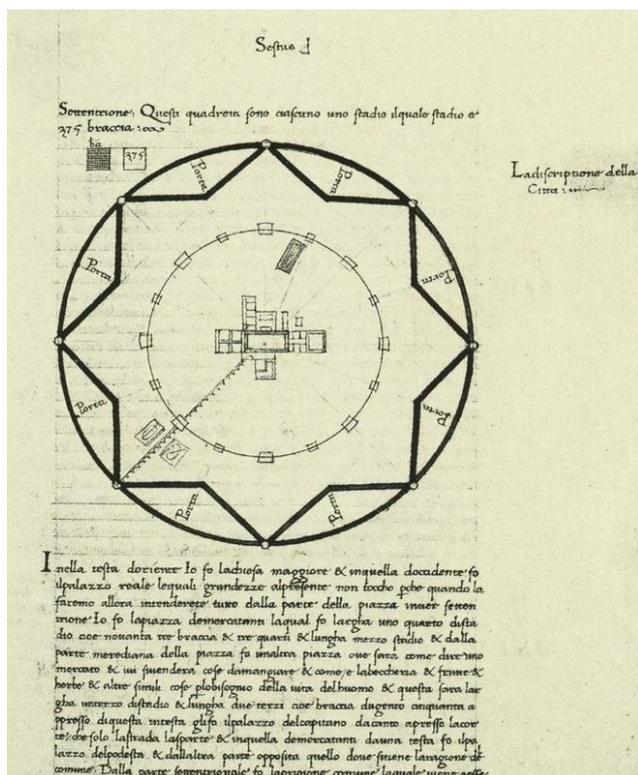
É válido lembrar quem era considerado povo na Grécia clássica, esses eram os cidadãos: homens livres, adultos e proprietários de terras. Não participavam comerciantes, artesãos, mulheres, escravos e estrangeiros.

Harouel elucida que as decisões urbanísticas eram tomadas em grupo, assim, o discurso que a obra arquitetônica iria exprimir não seria, então, da ideologia de uma pessoa, mas de um grupo social e financeiramente dominante, que conta para a história quais são as suas crenças e ideologias através daquilo que constroem com a ajuda do arquiteto. Percebe-se aqui que a ideologia e o discurso impressos nessas obras não são do arquiteto, mas daqueles que compõem a sociedade.

Logo, o desenho da cidade é decidido pela comunidade, de uma forma ou de outra nesses períodos históricos, a forma como a cidade se constitui é baseada na ação dos indivíduos que a habitam, seja de forma organizada como as assembleias públicas gregas, seja pelo crescimento desordenado do início da Idade Média. O desordenamento faz com que novas propostas, com planos pré-desenhados para cidades sejam revisitados durante o Renascimento, mas mesmo retomando conceitos do classicismo grego, estas cidades planejadas não funcionam tão bem.

O que é necessário perceber é que o traçado da cidade não se preocupa com a sociedade que nela habita, a sociedade no conceito atual, onde todos são cidadãos. Isso causa problemas com a cidade que passa a não ser representativa para a população, e perde a funcionalidade.

Figura 02 – Planta de Sforzinda (Filarette)



Tratatto di Architettura – Averlino Filarette

No decorrer da história, a representatividade na sociedade muda e evolui, assim como as cidades, isso ocorre em conjunto e as mudanças que se percebe no traçado da cidade são reflexo claro da mudança na visão do que é sociedade.

Mas, de qualquer forma, para o morador da cidade, não é seu traçado visto de cima que influencia na sua real relação com a cidade, mas sua relação visual, aquilo que ele percebe ao andar pela cidade, o traçado como o da cidade utópica de Sforzinda, mostrado acima, não interfere tão diretamente na percepção do transeunte quanto um parque, um prédio ou uma árvore.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÕES E PERCEPÇÕES NA CIDADE

Historicamente arquitetura e urbanismo se prendem a aspectos técnicos, bélicos e econômicos, somente nos tempos atuais é que o conceito de urbanidade passou a abranger também aspectos mais humanos e sociais, questionando a qualidade de vida e de serviços prestados dentro do tecido urbano.

As características percebidas pelo morador são mais próximas do ser sensível do que do racional, o habitante de determinada comunidade se integra a ela e se comunica com ela, criando signos de representatividade dentro de seu círculo de moradia.

É fadar um projeto urbano ao fracasso imaginar que não há significação, e então, comunicação, entre a comunidade e seu habitat. O Homem cria valor para as

paisagens que o cercam e ancora seu conhecimento naquilo que lhe é próximo. Deste modo, quando solicitado que pense em uma casa, provavelmente ele pensará na própria casa, se lhe for solicitado que pense em uma árvore, pensará em uma veia todos os dias.

A produção de espaços urbanos deve estar atenta à utilização que se quer do espaço, qual linguagem e discurso estão sendo utilizados ao construí-lo. É imperativo que um parque para crianças, cuja função é divertir, não seja todo construído de concreto cinza. O equipamento não indicará, numa análise semiológica, qual sua função, seu aspecto, seu significante não condiz com o significado.

## REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual** - Uma psicologia da visão criadora. SP: Pioneira, 2000.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3ª ed. SP: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

HAROUEL, J. L. **História do Urbanismo**. 4ª ed. SP: Papyrus, 1990.

PIGNATARI, D. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. 3ª ed. SP: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. 1ª ed. SP: Brasiliense, 1983.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27ª ed. SP: Cultrix, 2006